

# Textos

Principais  
traços  
evolutivos  
da  
produção  
musical

## VARIAÇÕES SOBRE O MAXIXE



O Tempo – São Paulo, 26 de setembro de 1954.

Das obras  
- 1985

Não percebendo diferença entre o **maxixe** e o **tango**, Mario de Andrade concluiu por aceitar a validade de ambas as designações nas obras de Ernesto Nazaré e Marcelo Tupinambá, sem, entretanto, tentar algum esclarecimento que nos possibilitasse verificar a diversidade que instintivamente lhes era atribuída. Apenas valendo-se de uma ocasional e nada elucidativa informação do primeiro compositor acima citado, o saudoso autor de "Ensaio Sobre Música Brasileira" repetiu o que lhe dissera; os **tangos** "não são tão baixos". Comentado, Mario, afirma que o próprio Nazaré mostrava repugnância ante a confusão com que os seus **tangos** eram chamados de **maxixes**. [Convém informar ao leitor que o **tango** aqui abordado não é o platino, mas uma forma de música popular brasileira, de dança, largamente executada pelos músicos do interior do Brasil.] O inesquecível mestre paulista, porém, parece acertar em cheio ao assentar o aparecimento do **maxixe** na década 1870-1880. Melhor do que ninguém, poderão confirmar isso os devidos documentos subsistentes.

A provável  
próxima  
decadência  
do frevo

A  
execução  
de  
pandeiro  
no Brasil

A  
influência  
africana  
da música  
do Brasil

**Os maxixes** – como os nossos **tangos** – eram publicados em grande quantidade no Rio de Janeiro até os primeiros anos do século XX, isto é, quando as famílias burguesas ou aburguesadas ainda conservavam o bom costume de expor um piano na sala de visitas, pelo menos como móvel de adorno. Nessa mesma época em que se editavam muitas músicas "para piano", que eram executadas no cinema mudo: valsas, quadrilhas, polcas, dobrados, etc.

A música e  
os passos  
no frevo

A versão publicada sobre a provável origem do **maxixe** – um sujeito chamado Maxixe teria alcançado grande sucesso ao interpretar os requebros da dança plebéia, sendo a dança depois apresentada num teatro carioca, de onde, se propagou – não me parece feliz [Divulgadíssima, a referida versão foi segundo se diz, Villa-Lobos

Artes e

Artistas

quem a revelou...]. Entretanto, atribuir origem carioca ao **maxixe**, como também se tem propagado, é uma conclusão justíssima. E a meu ver, o processo de sua formação estilística se operou da seguinte maneira:

Em termos de música paulista

Era no Rio de Janeiro que os antigos **chorões** encontravam o melhor campo para as suas serenatas. Agrupamento instrumental, popular por excelência, o **choro** se caracterizava também por aquela originalidade mestiça que o brasileiro introduziu na **baixaria** do violão [contracanto na parte grave do instrumento], desde a **modinha** até as polcas e, mais recentemente os **choros** [forma musical]. Essa **baixaria**, tão em voga naqueles românticos tempos, teria feito a sua incursão na música dos bailes públicos, os quais se chamavam **maxixes** – isto é, **gafieiras** em linguagem popular contemporânea. Os músicos das bandas – tantas vezes os mesmos dos bailes públicos – certamente levariam para as suas instrumentações – escritas ou improvisadas – esse processo urbano de contra-pontar. Colocariam, algumas vezes com relevância especial, essa **baixaria** nas introduções dos **tangos**, onde era salientada pelos instrumentos de tessitura grave. E o costume de empregá-la era tão apreciado que em certas ocasiões a melodia principal ficava colocada no registro grave, cabendo aos instrumentos restantes, dos registros médio e agudo, uma significação secundária por alguns momentos, na estrutura do trecho musical.

Engano na apreciação de um ritmo brasileiro

Escalas musicais do folclore brasileiro

Índios de Petrópolis

Além da aplicação da **baixaria** de violão na música de trombone, bombardino, oficlíde, tuba, etc..., ela teve lugar no "toque" característico dos **planeiros** cariocas do tempo dos **maxixes**. Ernesto Nazaré soube extrair admirável proveito dessa genuína criação popular.

Índios ou Cabôcos de Petrópolis

Notas sobre jogo de bola-de-gude

Renato Almeida salienta que o violão é instrumento cujo ambiente é o meio urbano, embora possa ser encontrado no interior do país. Penso que no interior o violão é um instrumento pouco aceito, pois a gente daqueles lados parece preferir a viola, mais apropriada para acompanhar a sua cantoria, aliás, bem diversa dos cânticos urbanos. E por isso talvez, que o **tango** das localidades interioranas – pelo menos da Bahia para o Norte – não possuía e não possui a antiga **baixaria** do violão carioca. Ouvi muito **tango** executado pelas **bandas-de-pife** e pelos sanfoneiros. Em nenhuma ocasião, porém, me foi dado notá-la em suas interpretações. Mesmo ao examinar os **tangos** publicados no antigo Recife – cidade onde eram fartamente executados os sucessos dos autores cariocas – poucas vezes topei com ela. E o que é significativo, jamais encontrei música que no Nordeste fosse editada sob a designação de **maxixe** – embora o vocábulo indicasse lá, como

Variações sobre o boi

Variações sobre o

## Baião

no Rio, o baile público na gíria popular.

Ernesto Nazaré e Sinhô, ambos [...]

Variações  
sobre o  
Maxixe

Em todos estes autores, e muitos outros não mencionados, a designação da forma musical, abordada aqui, era uma só: **tango** e às vezes no seu diminutivo, **tanguinho** – não obstante alguns compositores haverem denominados “maxixes” a algumas músicas do gênero. Há, certamente, o caso de obras que foram divulgadas com o misto designativo de “tango-maxixes”, como fez Chiquinha Gonzaga. Tal exceção parece vir confirmar a regra, pois ocorre indicar que a autora desejasse o seu tango executado amaxixadamente. Penso que os **tangos**, de certa época, foram denominados **maxixes** por autores para os quais o subtítulo deveria influir na indicação dos seus propósitos: na saliência exagerada, talvez, dos **baixos**. Outro indício que parece confirmar estas deduções é a exuberante **baixaria** obrigatoriamente enxertada por qualquer compositor popular ou popularesco da atualidade – ou orquestrador de rádio ou revista – ao pretender imitar a característica gostosura do **maxixe**, no intento de ridicularizar a sua forma, o seu estilo e caricaturar as gerações que o criaram, tudo numa ambiência burlescamente colocada além dos limites. [1]

## Zabumba

A estrutura do **tango** é singela – simples melodia acompanhada; a do maxixe é complexa – melodia contrapontada pela **baixaria**, passagens melódicas a guisa de contraponto ou variações e, em alguns casos, **baixaria** tomando importância capital. Ambos acusam procedência afro-européia através do ritmo polqueado em fusão com o do lundu, ao mesmo tempo que seu plano de construção é enquadrado na forma A-B-A-C-A – não obstante os **tangos** realmente populares, de autores anônimos, nem sempre serem construídos na forma exposta, mas reduzidos à A-B-A.

Concluindo, a diferença entre o **tango** e o **maxixe** implica valores unicamente estilísticos e exige, para compreendê-la, que se situem os compositores em sua época e nos lugares em que viveram.

Ouvida outrora na nossa música popular, mesmo na carnavalesca, a **baixaria** do violão foi, há dois anos, apreciada por mim no Rio de Janeiro [no Meyer], quando um boêmio acompanhava outro, este cantando sambas lentos e inéditos. Em franca decadência, vem sendo substituída pelas vulgares seqüências harmônico-impressionistas do “jazz” [?] comercial, num critério alarmantemente desconexo do caráter melódico daquelas poucas músicas que ainda poderiam ser

caracter. Interessante aquelas peças musicais que ainda poderiam ser agradáveis.

[1] Sem dúvida alguma encontraremos muita música editada no passado com o designativo de "maxixe" sem que apresente as particularidades que acabamos de referir.